

## ENTREVISTA COM MARIA CRISTINA DE MELO MARIN: ACASOS E ENCONTROS NUMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

INTERVIEW WITH MARIA CRISTINA DE MELO MARIN: CHALLENGES AND ENCOUNTERS IN AN ACADEMIC PATH

ENTREVISTA CON MARIA CRISTINA DE MELO MARIN: RETOS Y ENCUENTROS EN UN CAMINO ACADÉMICO

Concedida A

Rita de Cássia Melo Santos<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-9368-6176>

Mércia Rejane Rangel Batista<sup>2</sup>

 <http://orcid.org/0000-0003-4995-1117>

### UMA PEQUENA BIOGRAFIA

Maria Cristina de Melo Marin, nasceu em São Paulo (capital) e cursou a graduação em Ciências Sociais na PUC (Rio de Janeiro) e o Mestrado em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante seu vínculo ao PPGAS desenvolveu pesquisas em emprego urbano e trabalho por conta própria, alimentação e qualidade de vida. Vinculou-se ao Departamento de Sociologia e Antropologia do Centro de Humanidades da então Universidade Federal de Campina Grande – Campus II – atualmente UFCG. Desenvolveu pesquisas na área de Agricultura Familiar, Movimentos Sociais Rurais e Urbanos e Gênero e lecionou disciplinas de antropologia na graduação e pós-graduação. Orientou trabalhos de conclusão de curso e mestrado em sociologia rural, com ênfase no desenvolvimento de pesquisas qualitativas. Participou da vida institucional do antigo Campus II da UFPB (que deu origem em 2002 a criação da UFCG), ocupando os cargos de Coordenadora de Curso de Ciências Sociais, Vice-Diretora e Diretora do Centro de Humanidades.

RS: Primeiramente, Cris, gostaríamos de te ouvir falar de modo mais livre como foi o teu processo de formação até a chegada na Paraíba. Essa sua trajetória inicial que envolve alguns deslocamentos geográficos e que marca a relação entre mulheres, antropologia e nordeste. Mércia: Seria importante também refletir um pouco o contexto histórico, esse momento de formação na graduação com esse movimento aqui em direção ao nordeste.

---

<sup>1</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [santos.cm.rita85@gmail.com](mailto:santos.cm.rita85@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: [mercia.batista1@gmail.com](mailto:mercia.batista1@gmail.com).

MCM: Pois é, foi uma trajetória coberta por acaso, nada foi planejado. Eu fui pra ciências sociais porque eu queria trabalhar na SUDENE inspirada pela atuação do Celso Furtado. E eu queria fazer ciências sociais porque eu queria ser pesquisadora, mas trabalhando na SUDENE. Comecei minha formação na PUC do Rio de Janeiro, no curso de ciências sociais. Quando ainda estava na PUC, no segundo... ou terceiro ano, fui ser estagiária na FINEP. Lá trabalhei num grupo que estava José Sérgio (Leite Lopes) e Afrânio (Garcia), eles eram meus chefes. Naquela época, minha função era transcrever as fitas do trabalho deles no projeto que desenvolviam no Nordeste. Foi o meu primeiro contato com a pesquisa antropológica, foi transcrevendo fitas. E, por incrível que pareça, isso não me afastou (risos) Se eu tivesse um pingão de juízo (risos), porque não existe um servicinho pior no mundo do que transcrever fitas, né? Mas enfim, aí eu trabalhei com eles durante dois anos na FINEP, não só transcrevendo as fitas. Depois que acabei o curso na PUC, eu fui para o Museu Nacional (UFRJ), para a área de antropologia por causa deles e foi quando eu conheci Gisélia (Potengy). Nesse mesmo período, fui ser professora de antropologia [na PUC] e eu era assistente do Diegues, Manuel Diegues Júnior. Que era muito engraçado, o Júnior, porque ele tinha mais ou menos 150 anos, já na época, era um velhinho bem simpático, que me adorava e assim foi consolidando minha escolha pelo lado da antropologia. Eu me tornei professora, sai da FINEP, estava na PUC e também na PUC fui ser professora de antropologia, foi quando eu conheci o futuro pai do meu filho (risos) e... não, antes disso eu estava fazendo, fui fazer o mestrado no Museu.

Quando terminei a graduação, fui fazer mestrado em antropologia no Museu e lá entrei num projeto, que era o Projeto Emprego e Mudanças Sócio-Econômicas no Nordeste – PEMSEN<sup>3</sup> - O campo de atuação era do Nordeste e nesse projeto, viemos fazer pesquisa de campo... no meu caso em Campina Grande, Areia, no estado de Alagoas também. Tiveram outras pessoas que vieram fazer pesquisa em Patos, Sousa. Enfim, era na Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Ceará. E cada pesquisador ficou depois encarregado de, de aprofundar, digamos assim, suas pesquisas em uma determinada cidade. No meu

---

<sup>3</sup> O Projeto Emprego e Mudança Social no Nordeste (PEMSEN) envolveu uma equipe ininterrupta desde 1970 e vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Departamento de Antropologia (DAN) do Museu Nacional (MN), vinculado a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e que inicialmente concentrou-se numa área geográfica (Nordeste brasileiro, na área litorânea de Pernambuco e áreas mais próximas do chamado Agreste), com o foco na *plantation* e os grupos sociais entorno. A seguir, amplia-se abrangendo o Maranhão, Ceará, Pará, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Minas Gerais, com a associação de pesquisadores que trabalhavam em áreas de frente de expansão e as camadas de baixa renda nas grandes cidades. O convênio se fez entre a FINEP, o IPEA, o IBGE, por um lado, e por outro, a UFRJ / MN / DAN.

Iniciou a tramitação no final de 1972 e foi aprovado em 1975, permitindo assim que o financiamento suportasse os dois *surveys* realizados na região nordeste, como também as pesquisas de mestrado e doutorado de membros da equipe. O percurso no *survey* abrangeu Maceió - Recife - Campina Grande - Patos - Souza - Cajazeiras - Juazeiro do Norte - Araripina - Picos - Salgueiro - Petrolina - Garanhuns - Recife. No decorrer da vigência do PEMSEN associou-se ao projeto Hábitos Alimentares em Camadas de Baixa Renda, que contou com financiamento da FINEP/UnB/UFRJ-MN. As informações constam da Apresentação escrita por Moacir Palmeira, Afrânio R. Garcia Jr e J. Sérgio Leite Lopes do livro Mudança Social no Nordeste. A reprodução da Subordinação (Estudos sobre trabalhadores urbanos). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (p. 1-7).

caso, fiquei em Campina Grande, sem ter a menor ideia de que dois anos depois eu iria morar lá. Por isso que eu falo que foram acasos, fiz em Campina Grande, voltei pro Rio de Janeiro e depois foi que conheci o meu ex-companheiro que foi contratado pela UFPB quando a universidade estava se expandindo. Ele foi contratado pelo departamento de economia e eu vim com ele.

Vim com a bolsa da FUNARTE, que eu não tinha certeza ainda se iria ficar ou não. E na sequência eu fui ficando, fiz seleção para os quadros da universidade. Na época não tinha concurso ainda. Entrei em março de 1980 para ser professora de antropologia do Departamento de Sociologia e Antropologia do Centro de Ciências Humanas. E aqui me reencontrei com Gisélia Potengy, que já era professora do mestrado. Salete (Josefa Salete Barbosa Cavalcanti) eu conheci aqui. Me reencontrei porque conheci durante o momento da, da que eu estava fazendo pesquisa aqui de campo e vieram também do Rio para antropologia. Na época só veio Regina, Regina Novaes, pois é se eu não lembrar de mais coisa... essa abertura é isso, enfim... eu fui ficando então na época tinha Departamento de Antropologia e Sociologia (DSA), quando eu entrei o CH (Centro de Humanidades) tinham acabado de ser constituído e o departamento também e o Mestrado em Sociologia (Rural) também, de 77, talvez, o mestrado, mas era em Sociologia Rural, não era... não era em antropologia. E a Ghislaine Duque chegou também em 80 ou um pouco depois...

RS: Como você percebia naquele momento a efervescência do clima universitário em Campina Grande? Afinal, a década de 70 e início dos anos 80, foram marcados por um período de reconstrução da Universidade Federal da Paraíba. Isso aparece não somente na criação do CH, mas também todo o investimento na área de tecnologias, física, uma série de campos que estava em expansão naquele momento. Como é que você lê retrospectivamente a inserção da antropologia e essa conexão com a área das ciências sociais e as muitas outras formações?

MCM: Olha, é o seguinte, eles tiveram que engolir a antropologia e não era uma coisa que fosse bem vinda e nem que fosse considerada importante. Tinha o pessoal da antropologia que veio, que era mais ligado aos movimentos sociais; a classe trabalhadora; e tinha o pessoal da antropologia mais tradicional, que era cultura, preocupado mais com cultura tipo Gilda (de Castro Rodrigues), (Antonio) Greco (Rodrigues) e localmente, quem segurava a antropologia nas costas era dona Ruth Trindade, mais ligada à arqueologia; e Salete Cavalcanti, porque ela veio do Museu também, do Museu Nacional. Mas era como se os sociólogos, das ciências sociais, tivessem que engolir a gente. Sempre teve muita tensão entre a forma da antropologia ver a pesquisa e o que a sociologia achava importante e colocava como importante. Então, essa coisa de você ficar fazendo entrevista, era considerado assim como uma fofquinha, como um “conversê”, não era teórico, do ponto de vista deles. E depois, quando pensamos nos antropólogos que queriam ter essa conversinha com as classes

trabalhadoras, aí é que o bicho pegava, porque os... os sociólogos mais tradicionais daqui de Campina Grande eram bem reacionários... eram bem de direita sabe, bem de direita e as sociólogas eram madames, as madames da cidade e os sociólogos eram os que se consideravam importantes no ponto de vista da política.

MB: Cris, retomando o fluxo da formação do curso e o contexto político, você chega num momento em que o regime de exceção está desmanchando. Eu queria que você [recuperasse as pessoas que faziam a antropologia aqui na cidade e os contextos de mudança. Do seu ponto de vista, da sua memória, há uma continuidade ou se instaura uma ruptura?

MCM: Eu acho que é uma consequência do que já estava existindo em nível nacional. Que a antropologia, ela refletia isso, e a sociologia por exemplo não, embora o mestrado fosse em sociologia rural. Era essa coisa retomando os movimentos das classes trabalhadoras vistas sob outro ângulo que não era da luta de classes, teoricamente definida e pré-definida, e a vanguarda, e num sei que mais, do ponto de vista dos atores, digamos assim. Acho que essa era a grande diferença entre as disciplinas. Enquanto a ciência política estava lá definindo como é que os trabalhadores tinham que se comportar a partir de determinados autores e se tinham ou não tinham a tal consciência de classe, não é que a antropologia negasse isso, mas a gente ia pelo outro lado. Queríamos conhecer que tipo de consciência havia, como as classes trabalhadoras estavam vendo o processo, como estavam se colocando nesse processo e, ao mesmo tempo, você tinha isso num nível mais geral da sociedade. Quer dizer, você tinha as grandes greves do ABC [paulista] que respondiam a essa nova forma de funcionar e teve depois a tal queda da ditadura, a anistia e tudo mais. Quer dizer, é como se a antropologia tivesse percebendo isso mais do que as outras áreas nas ciências sociais.

Foi em Campina Grande que o movimento docente começou e até hoje eu não sei pra onde levou. Até hoje eu me pergunto: meu Deus do céu pra que diabo eu fui lutar tanto pela democratização dentro da universidade. Mas foi em Campina Grande que o ANDES nasceu. Não foi só as ciências sociais, não foi só a área das humanas. Outra coisa interessante que eu que eu me lembrei agora é que a melhor sociologia que existia em Campina Grande era feita pelos engenheiros elétricos. Foi uma contribuição do povo das ciências exatas, do departamento da engenharia elétrica, porque eram os marxistas que tinham essa divisão clara. Marx de um lado e do outro lado, Weber talvez.

Mas, enfim, o grande problema não era as mulheres, o grande problema era o marxismo, mesmo que do ponto de vista da ciência política acusasse a antropologia de não ser marxista. A gente apoiava do outro lado porque era marxista, mas também era outra visão do marxismo que estava também se instituindo no Brasil todo, não só em Campina Grande. Era um momento de muita efervescência, as greves que a gente fazia eram outra história. Agora eu fiz tanta coisa pra isso, como as cinzas do meu

sutiã que eu queimei [e me pergunto] pra que? pra ter esse feminismo que tem agora, assim como é o movimento docente. O quê a gente fez? Mas enfim, tirando o desespero de você ter lutado por alguma coisa e dar no que deu, não só por conta do movimento, mas por conta dos bolsonaros da vida. Avalio que era um momento de grande efervescência, de muita mudança, que a antropologia em Campina Grande era meio vanguarda, se existe um modo bom de ver a vanguarda.

RS: Aproveitando que você tocou nesse tema, no marxismo e da acusação da ciência política de que os antropólogos não seriam marxistas. Como é que você via isso, dessa presença seja do marxismo ou do estruturalismo na chegada desses novos antropólogos?

MCM: Existiam e assim que eu me coloco, como uma das antropólogas marxistas desde a minha formação. Não só aqui, mas também no próprio Museu Nacional tinha de um lado os marxistas e do outro lado, num sei quem que não era marxista. Havia ainda uma velha guarda, ainda compartilhando uma formação catedrática, de uma procura pelo aspecto biológico/material. Mas, o que não tinha no Museu Nacional era o lado da sociologia, ou o lado da ciência política, que vem com o modelo pronto. Com a forma pronta, onde as classes trabalhadoras têm que se conformar, tem que pensar que a revolução vai ser feita a partir do momento que se tiver consciência de classe. Isso não se tinha no Museu, era um embate entre o estruturalismo e o marxismo.

No começo em Campina Grande era assim, a esquerda contra a direita, os marxistas contra os não marxistas. A tensão era essa. Aí veio a abertura e apareceram os vários marxismos. Você não tem um marxismo, tem várias tendências, eram lutas de classes dentro do departamento, dentro das reuniões, da associação dos docentes. Quando não tinha abertura era muito mais fácil, porque era marxismo contra o não marxismo, aí de repente o marxismo não era marxismo, eram as várias tendências dentro do marxismo.

MB: Uma coisa que me salta quando você está falando é que esse conjunto de antropólogos realizaram pesquisa com objetos que eram muito inesperados e muito indesejados. Vocês vão colocando na pauta temas e formas de pesquisa que são muito novas, e aí tem um aspecto que eu acho que se você quiser explorar será uma coisa muito interessante de ouvir.

Chris: Quando a gente chega com essa visão diferente dos movimentos sociais e das lutas das classes trabalhadoras, enfim, esse interesse que acontece e a gente vai tá disputando não com a sociologia e disputando sem querer, ninguém tá querendo disputar com ninguém (risos) a gente estava querendo fazer a pesquisa da gente. Mas, tinham alguns estudantes que vinham dos movimentos sociais ou enfim e se engraçaram, digamos assim, do ponto de vista antropológico, com as lutas dos

trabalhadores e isso foi uma revolução dentro do departamento. Pra você ter ideia as Malvinas<sup>4</sup>, na época se expandiu muito. Ela pegava mais ou menos um terço da circunferência da cidade, tão grande era o número de habitações. Chamava Malvinas porque foi no momento da guerra das Malvinas. Aí se organizou uma, uma ocupação com o apoio da universidade. Com o apoio da gente. Eu, eu estava lá, antes disso eu já ia no Pedregal. Eu não me lembro exatamente como é que foi, mas também o Pedregal foi fruto da relação do Charles Beaulieu com a favela que existia lá.

MB: Na UFPB, nós tivemos estudantes que foram presos e têm o estudante João Roberto Borges de Souza<sup>5</sup>, que inclusive Maurino Medeiros de Santana sempre recorda porque teve uma morte muito suspeita, na verdade.

MCM: Quando cheguei em Campina Grande eu ainda não estava na universidade e trabalhava com os cantadores de viola e aí teve um congresso, todo ano tinha um congresso de violeiros. Aí me chamaram pra dar uma palestra, aí lá eu fui dar a palestra, quando eu fui dar a palestra, eu queria dar voz (riso) aos cantadores. Quando eu dei voz aos cantadores, uma das coisas que eles disseram foi que era um absurdo porque chamavam duas comissões: uma comissão que era pra dar os motes e uma comissão julgadora. A comissão julgadora era toda de fora do Sudeste. Aí eles falaram isso, no que eles falaram isso o tal do Ivanildo Vilanova que era intelectualizado, se relacionava com a universidade, aí ele foi lá e foi pra Elizabeth Marinheiro dizer: “Olhe... tem uma antropóloga aí do Rio de Janeiro...que tá revolucionando os cantadores disseram isso e num sei quê”. E ela, que que ela fez? Ela foi pra comissão julgadora. E a comissão julgadora disse: ah é, não querem a gente? E foram embora. Aí quando chegou a noite, cadê a comissão julgadora? Não existia. A sorte é que a comissão que dava os motes eram os intelectuais locais e embora eles não tivessem um nome nacionalmente conhecido, eram super capazes de julgar e eram muito respeitados pelos cantadores. Então o que Elizabeth tentou fazer, que era acabar com a coisa porque não era do jeito que ela queria ser, [não deu muito certo]. A partir do dia seguinte, durante algum tempo, todo dia em frente a minha casa tinha um carro quebrado. Todo dia tinha um carro quebrado em frente a minha casa assim e o dono lá esperando alguém chegar pra consertar, sabe? Alguém foi avisar a secretária pra me avisar que estavam atrás de mim. E aí eu passei quase um mês fora, fugida porque todo mundo tinha medo e

---

<sup>4</sup> O bairro Malvinas tem uma história marcada pelo movimento de ocupação, lutas e conquistas, sendo o bairro mais populoso da cidade de Campina Grande. Em 1983, durante a Guerra das Malvinas, e quando o governador do Estado era Wilson Braga, o conjunto habitacional Álvaro Gaudêncio estava pronto e não se entregavam as casas aos selecionados por conta da inexistência de infraestrutura (saneamento, água, energia elétrica, como também os equipamentos: escola, posto de saúde). Diante da situação, os que não tinham onde morar, se articularam e fizeram a ocupação das casas. A reação do governo do Estado foi promover um cerco: ninguém entrava ou saía, sendo que a resposta foi o apoio dos movimentos sociais. Assim, fizeram com que surgisse o bairro das Malvinas.

<sup>5</sup> Estudante do curso de Medicina da UFPB em 1966 e que consta no Relatório da Comissão Estadual da Verdade como vítima da repressão, tendo morrido/ assassinado em 1969.

tinha na universidade um setor de repressão, um setor da segurança responsável por ficar vendo quem prestava e quem não prestava (aos olhos da ditadura).

MB: Ah, é verdade, é verdade, dei conta disso agora: Na sua avaliação, você acha que tem um momento, né, que a antropologia, que a gente fazia em Campina Grande, ela consegue se autonomizar?

MCM: Não, eu acho que em termos de produção eu não sei te dizer porque assim, como nunca teve mestrado, sempre foi muito relacionado ao mestrado em sociologia rural. Então, em termos de produção, a antropologia nunca teve, digamos assim, enquanto antropologia, embora várias dissertações do mestrado se você for ver é mais antropológica do que sociológica, digamos assim. Em termos do departamento, o PET (Programa de Estudos Tutorial) é um divisor de águas, entre uma antropologia que é escanteada, que não presta, e outra que fez com que ela fosse mais detestada ainda. O fato de ter o PET, agora, em termos de produção, teria que considerar sua produção do mestrado para considerar como sendo de antropologia. A fama era de que ia pra antropologia aqueles alunos que não queriam nada com nada, que queriam terminar o curso de qualquer jeito. Aí, de repente, com a chegada do pessoal do Museu (PPGAS) é que a antropologia começou a ser levada mais a sério e os alunos começaram a procurar a antropologia

RS: E como você foi se sentindo, Chris, essa mudança também no próprio sistema de Pós-Graduação do Brasil? Como é que você percebe a perspectiva de gênero também em relação às múltiplas formas de acúmulo de trabalho empreendidos pelas mulheres, né?

MCM: Você quer que eu seja absolutamente sincera? Ela já sabe o que eu vou dizer (risos). Vocês são todas umas subordinadas ao modelo produtivista da Capes. Vocês são todas umas comandadas da Capes e LATTES e sei lá de quem, eu acho um verdadeiro absurdo, como é que se propõe esse tipo de controle e como é que se aceita? Como é que se aceita... sabe? Como é que isso é aceito, eu acho um, um absurdo, um absurdo. Porque o que vale hoje não é mais o conteúdo, sabe, não interessa se teu artigo é bom, não interessa se tua dissertação é boa, o que interessa é que ela seja defendida e aí você, sabe? Aí você vê uns doutores e uns mestres que não sabem escrever o próprio nome, mas os programas tinham que aprová-los, sabe? Então, ao mesmo tempo que você tem um controle absurdo, você tem uma queda na qualidade absurda, sabe? Na época em que ainda existia fila nos restaurantes que você podia aglomerar (riso). Aí tinha uma professora que conversando assim “eu não aguento mais ser mandada pela Capes não sei o quê” aí eu olhei era até da arquitetura, olhei e disse pelo menos não sou só eu que tenho esse entendimento. Então você tem hoje gente que não tem

a menor capacidade de que amanhã está sendo professor, sabe, e com isso você vai, sei lá. É como ter criado o curso de graduação em antropologia, eu sempre vou achar uma das coisas mais estranhas que se fez neste país.